

RELEMBRANÇAS, DE MILTON DIAS

Pedro Paulo Montenegro

“A obra escreve o seu autor?” indaga Autran Dourado em *O Meu Mestre Imaginário*. Pergunta importante e oportuníssima, em todas as considerações de teoria e crítica literárias. Aí estão as respostas de ordem estilísticas, psicológicas, sociológicas e filosóficas.

Foi precisamente essa indagação que me assomou à mente, com todo o seu vigor de questionamento, quando li *Relembanças*, obra póstuma de Milton Dias.

Modernamente Crônica refere-se a um gênero literário específico, estritamente ligado ao jornalismo e que teve suas primeiras manifestações nos chamados “folhetins”. Destes realmente partiram, pelo menos na França, em Portugal e no Brasil no século XIX, duas grandes vertentes: a do Romance e a da Crônica.

No Brasil, os grandes exemplos consagrados, numa e noutra vertente, foram José de Alencar e Machado de Assis que, igualmente, produziram trabalhos memoráveis em ambas.

Afrânio Coutinho, em suas *Notas de Teoria Literária* pôde observar a Crônica como “um gênero literário de prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades do estilo; menos o fato em si do que o pretexto ou a sugestão que pode oferecer ao escritor para divagações borboleteantes e intemporais; menos o material histórico do que a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica bulhosa de pessoas”.

O cronista nesta moderna acepção é bem o mágico da intuição aguda, da sensibilidade desenvolvida, da palavra pe-

netrante, capaz da criação de uma supra-realidade, para produzir estesia lírica.

Milton Dias foi bem o cronista. Essencialmente suas crônicas são literárias, isto é, artísticas, porque cada uma possui sua própria verdade. Aqui pouco ou nada importam os temas. As palavras são espelhos de si mesmas. E, por isso mesmo, são capazes de produzir uma forte ressonância no espírito do leitor.

Durante vinte e nove anos, de 1954 a 1983, ano de sua morte, Milton Dias compareceu semanalmente às páginas do jornal *O Povo*, em Fortaleza, com uma crônica. Já muitas foram transformadas em livros publicados, amplamente difundidos e admiravelmente bem recebidos pela Crítica nacional.

Em qualquer Manual de Literatura Brasileira contemporânea figuraria, com plena justiça, ao lado de Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Porto, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, José Carlos de Oliveira e nas pegadas dos mestres maiores Alencar e M. de Assis.

Em vida, Milton Dias publicou *Sete-Estrela* (1960); *As Cunhãs*, (1966); *A Ilha do Homem Só* (1966); *Entre a Boca da Noite e a Madrugada* (1971); *Viagem no Arco-Íris* (em colaboração com Cláudio Martins) (1974); *Cartas Sem Resposta* (1974); *Discursos Acadêmicos* (1975); *Três Cidadãos de Maspê* (1975); *As Outras Cunhãs* (1976); *Péguy, Poeta da Esperança* (1976); *Fortaleza e Eu* (1976); *Dois Discursos Acadêmicos* (1975); *A Capitoa* (1982); *Passeio no Conto Francês* (1983).

É uma vasta e representativa produção literária, a maior parte dentro do gênero crônica.

A morte, que a ninguém poupa, arrebatou implacavelmente o nosso cronista. Nosso, sim, do Ceará, de Fortaleza, da Universidade Federal do Ceará, de seus amigos. Imortal, porém, é sua obra, que a FUNDAÇÃO MÍLTON DIAS, em convênio com as EDIÇÕES UFC, quer, agora, rememorar através da publicação de *Relembrações*, enfeixando crônicas publicadas e inéditas, dispostas num crescendo biográfico, capaz de oferecer uma espécie de autobiografia do cronista.

Em Milton Dias é a emoção e o sentimento que se convertem em linguagem e que comovem os leitores. Para ele, escrever era uma segunda natureza ou, talvez melhor, fosse sua própria personalidade.

Ao lermos suas crônicas, sobretudo estas de caráter mais autobiográfico, sentimos sua figura de corpo inteiro delinear-se entre nós. É tão atuante sua presença que até percebe-

mos, no giro de suas frases, o esboço de sua gesticulação. É a volta do grande *causeur*.

Aí está a marca do escritor verdadeiro: em linguagem converte todas as sensações, emoções e pensamentos.

Outra nota do estilo de Milton Dias é a alegria: escreve como quem se diverte, conversando. Isso absolutamente não quer dizer falta de elaboração de seus escritos. Muito ao contrário, ainda que seja fluente, percebe-se a prevalência do "texto" sobre a simples "catarse". Aquele pressupõe sempre elaboração; esta é apenas espontaneidade.

Milton Dias é bem aquele escritor-ator porque, em suas crônicas, ao comunicar-se, participa ativamente de espetáculo da vida.

Aquela sua Crônica em que narra sua estória como miniator seria uma antevisão de sua grande realização no "grande teatro do mundo".

Diz Nilo Scalzo que "no Cronista, sempre por trás da observação do cotidiano, há uma grande sensibilidade de artista que descobre o lado poético das coisas". Daí a identificação do autor com sua obra. Nas crônicas de Milton Dias lemos bem a biografia existencial do Autor.

Dissemos que Milton Dias é um *causeur*. E o é quando fala não só de sua terra natal, de seu Massapê querido e de sua não menos querida cidade de adoção — Fortaleza — mas também de suas viagens pelo Brasil e mundo afora. França, Alemanha, Grécia, Itália, Portugal e adjacências surgem de sua pena em descrições graciosas porque sempre se conserva apenas como o *causeur* e jamais com os ares vaidosos e antipáticos do *connaisseur*.

A última parte do livro — *Relembrações* — dedicada às suas viagens pode ser lida como um relato detalhado e minucioso de lembranças e impressões agradáveis e das quais o leitor é eficazmente convidado a participar. Trava aqui o cronista, respeitoso e sincero, um diálogo com seus leitores, sem levantar dúvidas existenciais ou filosóficas, sem deitar lições de sabedoria mas com muitas informações prazerosas e encantatórias.

Aliás, em todo o livro, e poder-se-ia dizer, em toda a vida de Milton Dias, viajar é uma aventura cheia de novos encontros, novas andanças numa paisagem sempre pressentida. Tudo constrói o narrador com o fortuito, o instável, o gratuito, por isso mesmo, com graça e solidez.

Profundamente ligadas à vida cotidiana, as crônicas de *Relembranças* apelam, com freqüência, para a língua falada, coloquial e, em contato com a realidade da vida, tendem sempre para a expressão dramática.

Como ensina Eduardo Portella, em capítulo inserido em *A Literatura no Brasil*, organizado por Afrânio Coutinho, "a crônica tanto pode ser um conto, como um poema em prosa, um pequeno ensaio, com as três coisas simultaneamente". E conclui: "Os gêneros literários não se excluem; incluem-se".

Precisamente nisso está a riqueza e a beleza desta manifestação estético-literária que, em Machado de Assis, se tornou clássica, e em Milton Dias convincente, atuante e consagradora.